

## cárcere de valência

*biófilo panclasta*

Epicuro não encontrou para o matricídio pena alguma que pudesse castigar tão monstruoso crime: pensou que o mais digno era não qualificá-lo. Assim, não encontrando eu, no vocabulário tétrico – horrendo, terrorista – palavra que possa designar essa pocilga humana, essa fossa de enterrados vivos, esse antro inimaginável até para a mais pervertida mente dantesca e jamais descrito, tenho que indicá-lo com o nome que ao construí-lo lhe puseram: prisão.

Prisão simplesmente, ou melhor dito: prisão-cemitério-asilo-manicômio, pois ainda que esse edifício tenha sido construído para ser um cárcere promíscuo – pois não existem seções separadas para mulheres e menores – ali se enterram delinquentes, mulheres, homens e crianças, loucos, mendigos, idiotas, dementes. Todos caem nas graças da senhora autoridade. E como não há mal que traga consigo o bem, essa fossa de viventes, como gratamente dizia um humorista, “tem a graça de que, nela, não se põe as mãos sobre alguém mais do que uma vez na vida”.

Como nos conventos dos Cartuxos<sup>1</sup>, nem retiram os mortos para enterrá-los no ossuário comum. Não sei que

farão com as vítimas, mas é fato que nos meus sete anos de sepultura em vida, nunca vi levarem nenhum morto ao cemitério. Na Venezuela, conduzem – ou melhor – arrastam os presos às masmorras os leprosos das aldeias espanholas; como cadáveres hediondos de modo tão asqueroso que afugenta a todo transeunte, pois ninguém, por mais depravado que seja, quer presenciar tão macabro e ignominioso espetáculo.

Eu próprio fui arrastado da delegacia à prisão por quatro ou cinco capangas, repugnantes, insolentes e imundos brutamontes. Com os chicotes, com pontas como lanças e, levando enrolado no braço um laço ou cabresto, colocaram em mim o “casaco de cordas” – como se chama ali a esse tormento feito de cordas que se veste como um colete – e me “arrastaram” pela Praça Bolívar e outras ruas da cidade até a aterrorizante fossa.

Sem que me soltassem do tal “casaco”, puseram porta adentro do escritório do “ilustre cidadão coronel”, o diretor do presídio Régulo Bustamante Berti. Esse carrasco, com cara de “gente”, cerimonioso como um coveiro de convento, fátuo, arrogante, empertigado, cortesmente me interrogou, anotou meu nome e me recomendando prudência e resignação, ordenou meu “enterro”.

Se os mortos que caem no fundo da sepultura pudessem apreciar o horror da primeira pá de terra que lhes jogam não sentiria o espanto, o pavor que se apodera do “enterrado vivo” que cai naquela fossa, mais cruel, mais espantosa que a própria morte. O carcereiro desse “inferno” de vivos, empurrou-me numa cela, trancou as grades, colocou um vigilante de guarda à sua entrada... e eu caí... com um torpor de inconsciência, como num estado de

loucura, de entorpecimento que me impediu de avaliar todo o horror do momento.

Uma turba como que composta por esqueletos, ruídos de ferro, colisão de coisas acabaram devolvendo-me à minha razão atribulada. Era um grupo de presos que depois de uma exaustiva jornada eram atirados nessa cela como um monte de cadáveres, de coisas, para que passassem a noite, como farrapos que o mendigo guarda com todo cuidado para que não lhe sejam roubados. Não havia motivo a não ser o de um cruel zelo trancar esses moribundos num calabouço, sendo esse edifício tão sólido e ferozmente guardado.

Os presos que haviam visto minha entrada na cela tiveram o cuidado de não tropeçar no meu corpo desfalecido e frio. Um deles tocou com as mãos minhas carnes que não estremeceram porque tudo já tinham sofrido e, ao observar que não me movia nem falava, exclamou entristecido e em voz baixa: “esse aqui apanhou na polícia e foi trazido para morrer aqui”. Nem o puseram em ferros, comentou outro. Pobre... quem será?, disse um terceiro. Um silêncio aterrador rodeou de lúgubre mistério o espaço da cela amortecido pelas silenciosas sombras. Eu chorava... chorava... sim, com lágrimas secas, porque as fontes do meu amargo pranto estavam exauridas e até minha alma estava árida de tanta dor.

Mas minha pena não era, é verdade, a pena corporal de quem sofre um tormento físico. A dor física, por mais intensa, por mais aguda que seja, não mata no homem a “vontade de vida”, não esgota, não idiotiza. Após um grave sofrimento, o corpo fica caído, desgarrado, débil, mas como as folhas da planta que renasce, as flores da espe-

rança de um convalescente são alegres e exuberantes. Não são assim as grandes dores da alma. Um tormento moral aniquila o ser mais forte. Scevola sorri ao queimar a mão que castigava por ter errado o golpe em Porcena; mas, dizia antes, no suplício do tormento carcerário, na fogueira inquisitorial, diante da morte de um ser amado: ninguém tem serenidade, ninguém é herói.

Eu ansiava a morte, mesmo que fosse sob tortura, pois ela me livraria de tantas mortes, de tantas agonias espantosas. Mas a morte é mulher: ela despreza os que a chamam e busca os que a temem. Nada é comparável a uma noite de insônia com uma grande pena como companheira obrigatória. Tudo, até a vida, podemos lançar para longe, menos o pensamento mortificador, a consciência da dor. Não acredito que o tormento a que se condenam em certos países os assassinos ferozes, de dormir em uma cela semiescura amarrado à sua vítima, faça-os sofrer mais horrendamente do que eu sofri nessa minha primeira noite de enterrado... em vida...

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues

## Notas

1 A Ordem dos Cartuxos (*Ordo Cartusiensis*) é uma ordem monástica católica fundada na França, no século XI, por São Bruno. Seu nome refere-se à montanha de Chartreuse onde se instalaram em um mosteiro visando a total reclusão (N. T.).

*Resumo*

*O anarquista colombiano Biófilo Panclasta registra os horrores de ser enterrado vivo na prisão de Valência, Venezuela. Seu relato não é apenas um brado contra essa prisão em especial, mas contra todo o sistema punitivo mantido pelo Estado com suas prisões e Justiça criminal.*

*Palavras-chave: anarquismo latino-americano, prisão, punição*

*Abstract*

*The Colombian anarchist Biófilo Panclasta registers the horrors of being buried alive in the prison of Valencia, in Venezuela. His relate is not just a claim against that single prison but against the whole system of punishment sustained by the state with its prisons and criminal Justice.*

*Keywords: Latin-Americana anarchism, prison, punishment*

*Recebido em 20 de junho de 2012. Confirmado para publicação em 15 de agosto de 2012.*